

AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INSTITUCIONALIZADA COMO INSTRUMENTO EFICIENTE PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS-SOCIAIS COMPETENTES: UMA REFLEXÃO*

Izabel Cristina Alfradique Carpi – Universidade Iguazu – *Campus V* – Itaperuna-RJ
Tiago Andrade Muniz Terra - Universidade Iguazu – *Campus V* – Itaperuna-RJ
Victor Martins Ramos Rodrigues - Universidade Iguazu – *Campus V* – Itaperuna-RJ

RESUMO: Este estudo, de cunho qualitativo e de natureza bibliográfica, tem por objetivo refletir sobre a função social da educação institucionalizada (em todos os níveis), sobre a importância do educador contemporâneo estar consciente de seu papel na formação das pessoas e dos meios disponíveis para tal, num mundo globalizado e ao mesmo tempo globalizante, permeado por tecnologias de informação e de comunicação (TICs) de ponta. Assim sendo, mergulhamos na literatura disponível sobre o tema em questão – educação institucionalizada e sua função social, as TICs neste contexto e a formação do professor como mediador do processo educativo –, buscando fundamentos, princípios e pressupostos que encaminhassem a construção de uma visão articulada sobre o foco investigado. De forma que, na tessitura dos referenciais visitados foi possível delinear que as TICs podem se constituir instrumentos eficientes no processo educacional institucionalizado, desde que os educadores estejam aptos a usá-las de forma consciente e eficiente, ou seja, que estas concorram para a realização de práticas pedagógicas ajustadas ao contexto no qual atuam e que facilitem a aprendizagem de conhecimentos significativos emediatizem a formação de sujeitos-sociais crítico-reflexivos, ativos, políticos e com capacidade para se autogerirem e transformarem a realidade circundante.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Institucionalizada. TICs. Formação do professor. Sujeito-social competente.

INTRODUÇÃO

No momento atual, século XXI, deparamo-nos com um dilema crucial: como educar os jovens para uma sociedade futura cuja natureza desconhecemos em detalhes, mas que certamente será diferente, em vários aspectos fundamentais, do passado e do presente? Partindo-se desta premissa, qualquer paradigma torna-se efêmero e sujeito a mudanças e ajustes, entretanto, nos move a fomentar uma discussão que possa traduzir-se em ação para aqueles envolvidos, de modo especial, com a educação institucionalizada, em todos os níveis.

Nessa trilha de pensamento, pretende-se refletir sobre o papel das TICs no processo de ensino-aprendizagem (viabilizando a construção do cidadão autônomo), colocando a educação institucionalizada e seus atores (docentes e discentes) sob olhares sócio-afetivo-pedagógicos dos teóricos que tratam da formação e atuação docente, tais como: Demo (1997, 2010, 2013), Freire (1997, 2000, 2012), Giroux (2002), Morin (2003), Schön (2000), bem como do papel das TICs neste contexto, a saber: Almeida (1997), Capella (2012), Moraes (2013), BRASIL (1998) dentre outros cujos modos de ver e conceber a função social da educação institucionalizada se convergem e se entrelaçam, provendo-nos instrumentos teórico-práticos para um delinear do tema em foco. Objetiva-se com o estudo salientar o papel da escola

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online – junho/2016 – <http://evidosol.textolivre.org>

(frente às exigências da sociedade) e os caminhos lúdicos, criativos e eficientes para a construção de sujeitos sociais pensantes, críticos, solidários e ativos no exercício da cidadania, nos dias de hoje; sujeitos aptos a redimensionarem a realidade circundante, na busca por um novo *ethos* social, por uma sociedade digna do ser humano.

Mediante um cenário marcado por dúvidas, incertezas e desigualdades aviltantes, entende-se, que à escola e a seus atores, um novo papel tem sido imprimido – participar como alavanca para a transformação do quadro social estabelecido, partindo-se do pressuposto de que a educação institucionalizada tem por função primordial instrumentalizar o educando com aprendizagens significativas, para que possa, segundo Freire (2000), chegar a ser sujeito e constituir-se como pessoa, aprimorar-se e exercer a sua cidadania plena.

Todavia, estudos como o de Demo (2010, 2013) mostram que para que a escola consiga legitimar sua função é preciso que os profissionais da educação acompanhem as constantes descobertas científicas e tecnológicas, para que consigam colocar as instituições educacionais como verdadeiro *locus* em que se propaga e se faz a transformação por meio dessas descobertas.

Assim sendo, este é o momento de se atrair ao palco de discussões os envolvidos com a educação, tendo em vista encontrar, na teoria e na prática, inovações que concretizem a formação de profissionais da educação ajustada ao tempo presente, permeado por novas tecnologias de informação e de comunicação. Cenário que, segundo Morin (2010) aponta a figura do professor como determinante para a consolidação de um modo “ideal” de educação. Através da INTERNET, a pessoa pode ter acesso a todo tipo de informação, mas cabe ao professor reger a orquestra, observar o fluxo dos conhecimentos e elucidar as dúvidas de seus alunos, bem como desenvolver o senso crítico, corrigir os erros e analisar o conteúdo pesquisado. Portanto, os professores precisam de uma formação que lhes dê condições para acelerar processos de excelência, que abra caminhos de realização para a promoção dos direitos humanos, que ilumine a trajetória do aperfeiçoamento e que liberte pessoas de preconceitos, angústias e entraves que emperram a conquista de suas aspirações.

1 DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Partindo-se do princípio de que se educa para a liberdade e para a transformação, considerando-se um determinado momento social, histórico, político, econômico e cultural no qual se vive, é inegável que, neste momento, século XXI, a tecnologia tem um papel importantíssimo na sociedade atual, dominada pelo conhecimento e pela informação.

Acredita-se que os novos meios de comunicação e informações utilizados nas instituições educacionais revelam-se particularmente eficazes para desenhar e tecer o imaginário de todo o mundo. Eles têm o poder de transformar a realidade das instituições em um novo lugar, ou seja, um lugar que torna possível a veiculação de uma enorme gama de informações, sob os mais diferentes formatos e gêneros. Entretanto, aceitar ou negar a era tecnológica sem uma visão crítica pode dificultar o papel do professor, seja como indivíduo, seja como profissional em uma democracia que tem por objetivo descobrir a aprendizagem de teor reconstrutivo-político – uma aprendizagem que se quer capaz de fazer emergir formação para além da informação.

Nessa perspectiva, não podemos refutar a ideia de que se nenhuma língua se impôs ao mundo, uma linguagem sim – a do audiovisual. E, por seu intermédio, um novo papel tem sido dado às instituições educacionais e ao professor, exigindo deles consciência da existência de uma nova forma de se situarem no mundo e uma (re)leitura de seus papéis como facilitadores no processo de construção de sujeitos-sociais. E, ainda, é preciso que tenham a certeza de que o aluno de hoje, em todos os níveis de ensino, com maior ou menor acesso às tecnologias no

seu cotidiano, tem atuação diferenciada no contexto escolar. É totalmente diferente do aluno de alguns anos atrás porque traz para a escola maior conhecimento de fatos, demonstra necessidades e expectativas mais significativas em relação à sua formação como pessoa e enquanto estudante/profissional. De forma que, eis o grande desafio imposto à escola, à universidade: integrar consciente e criticamente a instituição educacional, seus alunos e professores no universo da sociedade globalizada e permeada por novas tecnologias de informação e de comunicação.

Assim, nos adverte Morin (2010) que o professor, atualmente, precisa ir além de ter somente conhecimento sobre sua área específica. É preciso que ele seja um motivador do prazer de construir o conhecimento; é preciso ensinar ao aluno a pensar, a descobrir, a desenvolver suas competências e habilidades para aprender sempre. Competências que lhe permitirão entender o mundo de forma mais complexa e transitar nele com mais propriedade, mediante as constantes e rápidas transformações.

Aceitando-se esta realidade, é importante que se (re)considere a postura tradicional do professor enquanto detentor do poder e do conhecimento e, também, suas metodologias de ensino e de avaliação e, ainda, sua visão de todos os elementos estruturantes do processo educacional na contemporaneidade. E, vale ainda, sublinhar que a interação novas tecnologias e educação não está, fundamentalmente, nas tecnologias, mas nas mentes e nas posturas dos educadores e se dará de forma eficiente e eficaz somente quando esses agentes educacionais forem pessoas autônomas na educação, livres ou em processo de libertação, pois só intelectuais críticos serão capazes de levar a uma educação para a liberdade. (GIROUX, 2002). Estes, sim, podem educar para a autonomia, podem contribuir para transformar a sociedade porque têm consciência de que tipo de escola querem, sua função e os caminhos para alcançar êxito.

Dessa forma, preparar o indivíduo para ser contemporâneo, membro de uma cultura moderna, planetária e ao mesmo tempo comunitária, pressupõe, tanto por parte do educador quanto por parte do educando, um redimensionamento de seus papéis no processo de ensino-aprendizagem. Requer segundo Freire (2000) que ambos, professores e alunos, se coloquem num exercício permanente de convivência solidária e ética. É necessário, ainda, que os professores tenham uma postura aberta, criativa, curiosa e assumam seus alunos como sujeitos sócio-histórico-culturais, para que possam ter uma prática educativa coerente, que atenda às expectativas do educando, que sejam capazes de fomentar o saber correto, o pensar reflexivo e o fazer certo. Professores que concebiam como meta principal da educação preparar o educando para pensar sistêmica e ecologicamente, envolvendo não somente o que pensar, mas, sobretudo, o como pensar, valorizando processos e não produtos, porque permitem adaptações e atualizações rápidas. (MORIN, 2001, 2010). Atitude, que por certo, estará contribuindo para a formação de sujeitos reflexivos e autônomos. Sujeitos capazes de lidar com o novo, o inusitado, numa sociedade, como a atual, em permanentes processos de mudanças. Sujeitos que na visão de Freire (2000) e Giroux (2002), estejam aptos a uma participação libertadora, transformadora na sociedade, sendo capazes de acrescentar, no mundo que não construímos, coisas que construímos.

Posto isto, as TICs se apresentam como mais um dos instrumentos eficazes para a construção do conhecimento, uma vez que, hoje, todos têm acesso às tecnologias. É verdade que em maior ou menor intensidade, mas têm. E, aqueles que não têm sonham em ter. Assim sendo, a escola não pode fechar as portas a essa realidade e nem ignorar o potencial instrumental da TICs no processo de ensino-aprendizagem. De forma que, trabalhar somente com cuspe e giz, na atualidade, não justifica mais, se através das TICs podemos ampliar horizontes, aumentar o interesse pelo estudo, disseminar informações, elevar a autoestima, e, em última análise, fazer a inclusão digital e fazer uma revolução na educação oferecida e na vida de vários alunos.

De acordo com Moran (2007, p. 167) “o papel do professor - o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar dados, a relacioná-los e contextualizá-los”. De modo que, o professor como facilitador da aprendizagem do aluno poderá usar os recursos tecnológicos disponíveis. Mas, é preciso que os professores se apropriem dessa linguagem e explorem com seus alunos as várias possibilidades deste novo ambiente de aprendizagem que eles ainda não dominam. E, ainda, é importante que direcionem suas aulas, aproveitando o que as tecnologias podem oferecer de melhor com vistas à construção de conhecimentos de forma reflexiva, reconstrutiva e significativa. Ideia, também, reforçada por Capella (2012) ao salientar que as TICs têm se mostrado instrumentos potenciais para desenvolver uma dinâmica nas escolas, com características de trabalho cooperativo, que atende à diversidade, à pesquisa como princípio educativo, à criatividade e à interdisciplinaridade, pressupostos de uma educação capaz de libertar e emancipar os sujeitos para exercerem sua cidadania de forma consciente.

Vale lembrar que, fundamentados na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, que entende que as pessoas são diferentes, aprendem de formas diferentes, é impossível se negar hoje as contribuições de fontes de leitura como o jornal, revistas e hipertextos, que circulam por meio de computadores, celulares e outros meios digitais, viabilizando as mais diversificadas formas de acesso e apreensão de conhecimentos, promovendo caminhos para que a escola (lugar de educação planejada) possa ser mais dialógica e participativa e, se utilizando de velhas e novas mídias, se constitua na escola dos sonhos do mestre Paulo Freire que assim a concebe: “escola que é aventura, que marcha que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida”. (FREIRE,2012).

Portanto, acredita-se que ensinar com as novas mídias possa vir a ser uma revolução se os atores educacionais mudarem simultaneamente os paradigmas convencionais de ensino que mantêm distantes professor e aluno. Isto é, se entenderem que educar é estar mais atento às possibilidades do que aos limites. Se estimularem o desejo de aprender, de ampliar as formas de perceber, de sentir, de compreender, de se expressar. Se conseguirem despertar nos educandos o prazer pela pesquisa e a curiosidade para buscar dados e trocar informações; atiar-lhes o desejo de enriquecer seu diálogo com o conhecimento sobre outras culturas e pessoas; de conscientizar para a necessidade de olhar o mundo além dos muros da escola, de seu bairro ou de seu país. (DEMO,1997, 2013). Se assumirem que educar é procurar chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação, pela multimídia, por todas as formas de arte e de linguagem. Se vivenciarem o processo de ensino-aprendizagem como um processo que se baseia na confiança mútua, na comunicação autêntica, na interação, na troca, no estímulo, com regras e limites, mas tendo o incentivo e a confiança como fundantes, permeando todo o processo de formação. Caso contrário, os professores conseguirão dar apenas pinceladas de modernidade em suas práticas pedagógicas, em mexer no essencial. (SALTO PARA O FUTURO, 1998).

Em meio a estes questionamentos sobre a função da educação no momento atual, o papel do professor e as contribuições das mídias neste contexto, se percebe que a problemática que se apresenta ao professor é saber escolher, entre tantos recursos disponíveis, aqueles que melhor se ajustem aos seus propósitos educacionais. E, também, como conjugar os interesses dos alunos com os programas curriculares e com os meios existentes, para trabalhá-los de forma mais significativa.

Almeida (1997) corrobora esta perspectiva quando diz que o paradigma educacional emergente coloca uma nova maneira de pensar a Educação – sistema complexo, aberto e flexível que inter-relaciona conceitos, ideias e teorias, no qual o conhecimento encontra-se num *continuum* de construção e reconstrução. Por isso, para que o professor tenha condições de criar ambientes de aprendizagem que possa garantir esse movimento, é preciso reestruturar seu processo de formação, de modo a assumir a característica de continuidade desse

processo. E, dessa forma, preparar-se para desenvolver competências e habilidades, tais como: estar aberto a aprender a aprender; atuar a partir de temas emergentes do conhecimento e da aprendizagem do aluno; propiciar a reflexão, o pensar sobre o pensar; dominar recursos computacionais e identificar as potencialidades de aplicação desses recursos na prática pedagógica; desenvolver um processo de reflexão na prática e sobre a prática (SCHÖN, 2000), reelaborando continuamente teorias que orientem sua atitude de mediação no processo de ensino-aprendizagem, tudo isso podendo ser permeado pelas novas tecnologias.

De forma que, apoiados na visão de que tudo passa pela formação adequada do professor; formação que deve estar ajustada ao tempo presente, podemos ousar dizer que educador e educandos vivenciarão o ciclo formação-ação, proposto por Nóvoa (apud ALMEIDA, 1997), cujo processo de reflexão ocorre antes, durante e após a ação. E, o professor como agente de mudanças, valorizando os interesses e necessidades de seus alunos, utilizaria como ponto de partida de seu trabalho pedagógico, os conhecimentos cotidianos oriundos do contexto, os quais são trabalhados com todos os meios tecnológicos disponíveis, em busca de melhor compreendê-los e de desenvolver uma educação pautada numa práxis crítico-reflexiva, fulcro de uma educação emancipatória. Uma educação com vistas a garantir o saber pensar e o saber agir, como condições *sinequa non* ao exercício da cidadania. (RANGEL, 2002).

Por conseguinte, seguindo essa linha de pensamento, mais do que nunca se entende que o professor deve adequar-se ao contexto social influenciado pelas novas tecnologias, bem como se apropriar delas. Entretanto, tomamos como pressuposto maior que uma das principais condições para o desempenho eficiente do trabalho do educador, neste século, é sua capacidade de entender as mudanças, identificar os problemas e as condições delas decorrentes. E, ainda, incorporá-las e apontar alternativas educacionais que concorram para uma educação voltada para a construção da cidadania plena. Para a formação de cidadãos que tenham capacidade de aprender a aprender e de utilizar a tecnologia para a busca, a seleção, a análise e a articulação entre informações. Cidadãos que sejam capazes de dar maior significado às aprendizagens, ou seja, direcionando-as como instrumentos para a gestação de sua própria história (MORIN, 2001). E, conseqüentemente, sejam pessoas que atuem na realidade circundante, modificando-a, transformando-a, tendo como meta o surgimento de uma sociedade mais humana, menos desigual e mais justa.

À GUIA DE CONCLUSÕES

No arremate deste texto, podemos delinear que, no contexto da era tecnológica, um novo ritmo tem sido imposto à escola e a seus atores, tendo em vista as grandes e rápidas transformações. A crise paradigmática de processos educacionais, advinda das rápidas transformações na sociedade, requer dos profissionais da educação uma visão ampla, mais multidimensional do processo. Fato que vem apontando para que a formação do professor deva ser reformulada e contextualizada a partir da complexidade e da velocidade das mudanças que ocorrem na modernidade.

No que tange às TICs essas se mostram instrumentos potenciais para desenvolver, nas escolas, um trabalho que atenda aos princípios da diversidade, da pesquisa como princípio educativo, da criatividade e da inter e transdisciplinaridade, princípios que devem estar atrelados à escola contemporânea. E, ainda, devem facilitar ou proporcionar ao aluno a compreender as coisas por um ângulo mais complexo, como ressalta Morin. Competência construída que resultará no surgimento do cidadão apto a saber pensar e a saber fazer, condições indispensáveis para transitar na sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.E. O computador como ferramenta de reflexão na formação e na prática pedagógica. São Paulo. *Revista da APG*, PUC/SP, ano VI, n. 2, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. *Salto para o Futuro: TV e Informática na Educação*. Brasília-DF: MEC, 1998.

BARBA, C.; CAPELLA, S. (Org.). *Computadores na Sala de Aula* 1.ed. Editora Penso: Brasil, 2012.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Capinas: Autores Associados, 1997.

_____. *Pesquisa como Princípio Científico e Educativo*. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/article/htmlFile/3266/pdf-42>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

_____. *Saber Pensar*. 2010. Disponível em: <www.direitofilosofialiteratura.blogspot.com/resenha-da-obra-saber-pensar>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2000 (Coleção questões da nossa época), v. 23).

_____. *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Projetos Pedagógicos Dinâmicos. Citações*. 2012. Disponível em: <www.projetospedagogicosdinamicos.com/frases_freire.h>. Acesso em: 06 de maio de 2016.

GIROUX, Henry. *Cruzando as Fronteiras do Discurso Educacional: novas políticas em educação*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2002.

MORAN, J. M. *et al. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 21.ed. Papyrus: Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2010. Disponível em: <www.seer.ufu.br/hph/emrevista/article/download/7894/5000>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

_____. *Educar na era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez, Brasília-DF: UNESCO, 2003.

RANGEL, Mary. *Representações sobre o bom professor*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.